
Buscando Sentidos Através do Tempo: Uma Observação das Transformações Urbanas do Viaduto Otávio Rocha¹

Gisele de Azevedo Endres²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

RESUMO

Essa pesquisa encontra-se em estágio inicial e propõe-se a estudar quais as transformações urbanas podem ser percebidas através de registros fotográficos do Viaduto Otávio Rocha, localizada no bairro Centro Histórico da cidade de Porto Alegre, e que relações de sentido podem ser percebidas nesses registros a partir dessas transformações. Para isso, será realizado um inventário de imagens fotográficas do Viaduto Otávio Rocha desde sua construção, procurando regularidades na forma de registrar o Viaduto Otávio Rocha e registros fotográficos atualizados do Viaduto Otávio Rocha. A partir disso serão analisadas as transformações urbanas desse espaço, propondo reflexões e problematizações sobre essas transformações identificadas. A análise será feita a partir do método de constelações (BENJAMIN, 1984; VELOSO, 2018).

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Fotografia; Constelação; Viaduto Otavio Rocha.

INTRODUÇÃO

O Viaduto Otávio Rocha é uma estrutura localizada no bairro Centro Histórico da cidade de Porto Alegre. Inaugurado em 1932, o Viaduto foi pensado para não descontinuar a Rua Duque de Caxias durante a construção da Avenida Borges de Medeiros, em 1927. Com o passar dos anos, além de sua função prática, o Viaduto foi adquirindo também uma função sociocultural, visto que os pequenos compartimentos presentes em sua estrutura foram destinados ao comércio (Prefeitura de Porto Alegre, 2023). Dessa forma, em 31 de outubro de 1988, o Viaduto Otávio Rocha foi tombado por decreto de lei municipal.

“O Tombamento foi sugerido pelo conselho do Patrimônio Histórico, o qual seus membros, “examinando os valores arquitetônicos e escultóricos” do viaduto, consideraram “obra inegavelmente valiosa e incorporada à paisagem urbana de nossa capital, como marco importante da avenida Borges de Medeiros” (Noticiário do Dia – SMC). Mesmo reconhecido pelo município como patrimônio cultural, a estrutura já padecia com o descuido e a degradação. No tombamento, o reconhecimento do viaduto como monumento, embora já ostentasse esse título para a população, veio consolidar a estrutura como patrimônio cultural” (VOLPATTO, 2022, p.193).

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Técnica de laboratório em processos fotográficos na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: gisendres@gmail.com.

Figura 1: Construção do Viaduto Otávio Rocha



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo

Mesmo com o reconhecimento obtido pela lei de tombamento, primeira obra do Viaduto Otávio Rocha ocorreu entre os anos 2000 e 2001, porém sem resolver todos os problemas apresentados pela estrutura (VOLPATTO, 2022).

Em novembro de 2022, a Prefeitura de Porto Alegre iniciou projeto de revitalização³ do Viaduto Otávio Rocha, prevendo intervenções estruturais e estéticas. Além da recuperação dos elementos construtivos e decorativos, também estão previstas

³ Segundo Sotratti (2015), “a revitalização consiste na refuncionalização estratégica de áreas dotadas de patrimônio, ou seja, de objetos antigos que permaneceram inalterados no processo de transformação do espaço urbano, de forma a promover uma nova dinâmica urbana baseada na diversidade econômica e social (MOURA et al., 2006). [...] Todas essas denominações se referem comumente à estratégia de valorização de áreas dotadas de patrimônio cultural que passam por processos degradativos. Por meio de uma refuncionalização dirigida e estratégica, o emprego de funções vinculadas ao capitalismo global, como turismo, cultura, negócios, comércio e residências, é incentivado nessas ações de planejamento urbano. [...] No Brasil, o termo inicialmente e amplamente empregado foi revitalização urbana. No entanto, a precisão e a riqueza da língua portuguesa fizeram surgir uma séria discussão entre os profissionais envolvidos com tal prática, uma vez que o termo revitalização claramente sugere uma conotação de exclusão dos usos e de grupos sociais que ocupavam tais áreas antes da implantação dessa estratégia (OLIVEIRA, 2002; ARANTES, 2000). Esse debate fez surgir outros termos equivalentes, como recuperação, reabilitação, renovação, requalificação e gentrificação. As discussões acerca das especificidades de cada termo empregado nesses projetos de refuncionalização ainda permanecem, não havendo consenso entre os profissionais envolvidos com o planejamento e o estudo dos espaços urbanos (VARGAS, 2006; MOURA et al., 2006).”

soluções para as instalações elétricas, telefônicas, sistemas de segurança e iluminação pública (CARLOSSO, 2022). Em setembro de 2023, o espaço estava com 20% dos trabalhos da reforma concluídos (MALINOSKI, 2023) e até então possuía um custo estimado em R\$ 13,7 milhões, com previsão da revitalização do local ser finalizada ainda no primeiro semestre de 2024. Recentemente a Prefeitura de Porto Alegre informou que a obra será finalizada com um atraso de 5 meses, além de ter tido um termo aditivo publicado, fazendo saltar o custo das obras de R\$ 13,7 milhões para R\$ 17,2 milhões (BITTENCOURT, 2024).

Figura 2: Obra do Viaduto Otávio Rocha em agosto/2024



Fonte: Correio do Povo – Foto: Mauro Schaefer

É importante ressaltar que esse processo de revitalização e limpeza do Centro Histórico da cidade se iniciou em 2021, com a retirada de lambes e adesivos colados em estruturas, além da realização de pinturas sobre pichações. No entanto, a Prefeitura de Porto Alegre foi notificada pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul após representação da comunidade alegando que a pintura utilizada naquele momento não teria aprovação prévia da Equipe do Patrimônio Histórico Cultural (EPAHC), nem profissional responsável habilitado acompanhando o processo (RBS TV, 2021).

Para Jeudy (2005), há uma tentativa de uniformização patrimonial das cidades a partir de limpezas de monumentos e restaurações arquitetônicas de grandes edifícios,

principalmente nos centros históricos, e que me é perceptível em Porto Alegre. Mesmo assim, há uma multiplicação frenética de signos nas cidades. “Apesar da obsessão da restauração, uma certa desordem visual persiste e convida o cidadão a criar seus próprios modos de leituras da cidade” (JEUDY, 2005, p. 81). Essa desordem visual pode ser pensada como toda e qualquer intervenção artística realizada pelas ruas da cidade, tais como colar cartazes, stickers e lambs, pinturas como grafite e o controverso pixo, além da comunicação visual como um todo advinda de lojas comerciais (placas, outdoor, publicidades).

Para Volpatto (2022) o Viaduto Otávio Rocha está fixado no imaginário porto-alegrense, sendo considerado um símbolo e um dos mais significativos cenários urbanos construídos na cidade, justificando sua relevância enquanto objeto de estudo. Dessa forma, essa pesquisa (que se encontra em estágio inicial) propõe-se a estudar quais as transformações urbanas podem ser percebidas através de registros fotográficos do Viaduto Otávio Rocha e que relações de sentido podem ser percebidas nesses registros a partir dessas transformações. Para isso, será realizado um inventário de imagens fotográficas do Viaduto Otávio Rocha desde sua construção, procurando regularidades na forma de registrar o Viaduto Otávio Rocha e registros fotográficos atualizados do Viaduto Otávio Rocha. A partir disso serão analisadas as transformações urbanas desse espaço, propondo reflexões e problematizações sobre essas transformações identificadas. A análise será feita a partir do método de constelações (BENJAMIN, 1984; VELOSO, 2018).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Raquel Rolnik (1995) pensa a cidade como “um ímã, um campo magnético em que atrai, reúne e concentra homens” (ROLNIK, 1995, p. 13). A autora fundamenta que as primeiras construções surgem nas planícies da Mesopotâmia, por volta de 3000 a.C, como templos e locais para a realização de cerimônias, transformando modo do homem de ocupar territórios, que está passando por redefinições espaciais desde que introduziu o plantio de alimento ao invés de coletá-lo ou caçá-lo (ROLNIK, 1995). “A garantia de domínio sobre este espaço está na apropriação material e ritual do território. E assim, os templos se somam a canteiros e obras de irrigação para constituir as primeiras marcas do desejo humano de modelar a natureza” (ROLNIK, 1995, p. 13-14). Com essas mudanças espaciais se inicia o sedentarismo da civilização.

A partir dessa relação homem/natureza marcada pelas construções, Rolnik (1995) passa a entender a cidade também como escrita. Ela associa a montagem de blocos de tijolos com o agrupamento de letras que formam palavras representando determinadas ideias. Ou seja, “construir cidades significa também uma forma de escrita” (ROLNIK, 1995, p. 16).

Sendo assim, é possível dizer que cada pessoa *leia* uma cidade de forma diferente da outra? De certa forma sim, já que “a cidade excede a representação que cada pessoa faz dela” (JEUDY, 2005, p. 81). Assim, a cidade extrapola sua função inicial de *aglomeração humana* e passa a ter uma função desmaterializada, já que não se é mais projetada para durar. Há uma transposição do seu materialismo físico para um materialismo simbólico, construindo valores de um modo de vida a ser visto ou exibido (FERRARA, 2018). Explico: a especulação imobiliária nos grandes centros é uma clara forma de explorar o imaginário e criar estilos e padrões de vida e habitações, gerando uma contradição do que seria sua real função.

Ou seja, ainda que haja uma ressignificação para que a cidade seja cada vez mais voltada para uma uniformização patrimonial, focada na valorização de certos grupos sociais, haverá sempre uma desordem visual nos convidando a ler a cidade com nossos próprios olhos.

Para Ferrara (2008), a cidade é representada a partir de suas imagens e é a partir delas que se reconhece, pois as imagens urbanas são signos da cidade e intermediam suas percepções. Comumente imagem é confundida como sinônimo de imaginário e, para a autora, é necessário fazer essa distinção quando se utiliza estudos de imagem como categoria de análise de cidade.

Em primeiro lugar, há que salientar dois aspectos que, de modo similar, aproximariam a imagem do imaginário urbano: de um lado correspondem a desafios perceptivos, de outro, e enquanto categorias de análise urbana, não têm, na cidade, apenas um locativo de manifestação, ao contrário, eles a qualificam, ou seja, não se trata, apenas, de imagem ou imaginário na cidade, mas de imagem ou imaginário da cidade. Enquanto qualificativos são informação, são significados urbanos produzidos na cidade como espaço que agasalha uma relação social. Portanto, imagem e imaginário urbanos são manifestações de dupla mão: a cidade como espaço físico e construído e como lugar que se individualiza naquele espaço; nas duas situações ela é cenário e ator de uma relação social que contracenam com o homem, usuário ou cidadão urbano. Imagem e imaginário correspondem à capacidade cognitiva do homem de produzir informação em todas as suas relações sociais; nos dois casos, produzem-se informações, mas de modo diverso (FERRARA, 2008, p. 194).

A imagem corresponde a um código urbano específico, constituído a partir da percepção de elementos que o compõem, como cores, formas, texturas, volumes, que

resultam em um materialismo físico. Essa percepção é proporcional à familiaridade que o usuário urbano desenvolve com o local, através do olhar cotidiano. Quanto mais se observa a cidade, mais nítida e complexa sua imagem se torna (FERRARA, 2008). Pensando a partir do Viaduto Otávio Rocha, por sua localização ser central dentro da cidade, sua observação passa a ser constante e, dessa forma, sua imagem muito mais nítida para o usuário urbano. Não à toa é um dos cartões postais mais populares da cidade, considerado um lugar singular e que ao ser visto pelo usuário remete-o instantaneamente à Porto Alegre (VOLPATTO, 2022).

Já o imaginário corresponde à necessidade do ser humano de incorporar significados diversos à imagem urbana; significados esses que não únicos e que se acumulam, passando a criar significações por processos associativos, gerando um segundo ou terceiro significado, sucessivamente. Dessa forma, através do imaginário, a imagem urbana passa a significar mais a partir da integração de outros significados, que podem não ter relação direta com a imagem básica original (FERRARA, 2008).

Se a imagem urbana era, sobretudo, visual e icônica, o imaginário é polissensorial e resgata índices, marcas, signos para, com esses fragmentos, produzir uma constelação, uma unidade que atua como metáfora da cidade: a solidão que se concretiza na multidão, o *flâneur*, a prostituta, o burguês, a velocidade são metáforas da modernidade e temas constantes do imaginário urbano. Assim, o imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas, estimulado pelos seus fragmentos/índices, produz discursos que com ela interagem. Uma espécie de diálogo insólito porque, no primeiro momento, o usuário é emissor e receptor ao mesmo tempo e, apenas com o registro da memória, esses discursos se transformam em arquétipos culturais. Assim sendo, o imaginário dialoga, em última instância, com a história urbana. Por outro lado e paradoxalmente, o caráter apelativo da imagem urbana visto anteriormente dirige-se ao próprio imaginário que, sem ele, permaneceria diluído no cotidiano, no hábito da cidade enquanto ambiente construído. É ao imaginário que a arquitetura da imagem urbana se dirige, porque depende dele para a caracterização do seu plano ideológico (FERRARA, 2008, p.198).

A partir dessas provocações de Ferrara (2008; 2018), penso que a melhor forma de fazer a leitura de uma cidade seja a partir de imagens fotográficas.

Dessa forma, os conceitos de Short (2013) sobre as funções básicas da fotografia são pertinentes, dando atenção especial à função *como crítica social*. Essa função é atrelada a fotografia documental, que, segundo a autora, pode ser considerada uma ferramenta que o fotógrafo utiliza para transmitir a essência de um determinado lugar (SHORT, 2013).

Ainda nesse sentido, a fotografia nos possibilita um autoconhecimento e recordação, uma expansão da criação artística e da documentação, seja de fatos ou de

denúncias, já que sua condição técnica nos permite um registro considerado preciso (KOSSOY, 2012). Assim, as fotografias podem ser usadas aqui como um recurso visual de registro da transformação urbana que o Viaduto Otávio Rocha pode vir passar.

No entanto, o modo como iremos interpretar esses registros pode ser diretamente condicionado pela forma com que são transmitidas e seus contextos. Na fotografia, para gerar sentido e coerência, são usadas técnicas de narrativas visuais para facilitar o entendimento de suas mensagens. Segundo Maria Short (2013, p. 6), narrativa "significa um relato falado ou escrito de eventos interligados, uma história que pode transmitir uma ideia". Ao utilizarmos a fotografia para transmitir certos conceitos, podemos utilizar técnicas de narrativas no desenvolvimento do relato, prendendo a atenção do público e permitindo que ele se relacione ou se identifique com as histórias e seus propósitos (SHORT, 2013). A narrativa não precisa seguir obrigatoriamente um sentido linear (início, meio fim), ela também pode ser cíclica ou fazer referências cruzadas umas às outras, que ficam mais claras quando as imagens são reunidas (SHORT, 2013).

METODOLOGIA

A fim de contemplar os objetivos dessa pesquisa, além de todo o levantamento bibliográfico, será realizado um inventário de fotografias do Viaduto Otávio Rocha. Para Leandro Abreu (2014) inventariar imagens consiste em produzi registros, reunir índices, que, ao serem comparados, podem produzir novos significados. Ele propõe também se utilizar de repetições para montar esse inventário. Entendo aqui como realizar uma coleção de imagens. Também serão realizados registros fotográficos atualizados do Viaduto Otávio Rocha, para serem analisados em conjunto com as fotografias inventariadas. Esses registros fotográficos serão realizados em caminhadas pelo Viaduto Otávio Rocha. Dessa forma, o método cartográfico se fez pertinente. Rolnik (2011) explica que “para os geógrafos, a cartografia - diferente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2011, p. 23) e paisagens com características psicossociais também são cartografáveis. Nesse caso, a cartografia acompanha e se constrói ao mesmo tempo que se perdem sentidos e que se formam mundos - criados para expressar afetos contemporâneos, tornando obsoletos os universos vigentes (ROLNIK, 2011). Assim, o cartógrafo tem como função dar espaço para afetos que pedem passagem, focando nos entusiasmos de seu tempo e que esteja atento aos significados, devorando o

que lhe parecer possível para a construção de suas cartografias. “O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago” (ROLNIK, 2011, p. 23). Assim, para esse projeto, o método cartográfico escolhido é o de constelação, de Walter Benjamin (1984), a partir das ideias de Rita Veloso (2018), em seu artigo Pensar por Constelações.

Para Benjamin (1984), constelação é a relação entre os itens (estrelas) de um conjunto (linhas imaginárias que unem a constelação) que são definidos não só por sua proximidade, mas também pela possibilidade de adquirir significados em grupo (VELOSO, 2018). Veloso (2018), ao fazer alusão a uma possível constelação do urbano, informa que Benjamin começou a pensar sobre a cidade ainda na década de 1920 e que a analisava a partir de estratégias de percepção, e não de produção. Para isso, Benjamin formula conceitos de fantasmagoria, iluminação profana, imagem dialética, ruptura, a partir de arranjos constelares. Benjamin pensava a cidade a partir de imagens, ou seja, construía o pensamento sobre o urbano a partir da visibilidade, vendo vestígios, cicatrizes, superposições, frestas. O que dá relevância ao pensamento-imagem-cidade benjaminiano é sua dupla criação: de um lado a fantasmagoria, uma imagem que sobrevive no presente ao nos indicar o que poderia ter acontecido naquele lugar; do outro lado o fragmento, que se percebe a partir dos tempos e idades de uma cidade que passou.

Segundo Veloso (2018), a cidade-imagem benjaminiana é uma tela com cicatrizes, ou seja, fragmentos-fantasmas do que a cidade já foi. A imagem-cidade é um lampejo, uma fagulha que brilha sobre essa tela urbana a fim de instabilizar seus componentes - topografia, edifícios, monumentos, mercadorias, corpos, terrenos -, revelando seu avesso, exigindo uma ruptura, uma descoberta de sentidos escondidos que Benjamin entende como decisivos.

Segundo o filósofo, "a quintessência de seu método é a representação" (BENJAMIN, 1984, p. 50). O método é indireto, tendo como característica a representação como desvio, fazendo o pensamento revisitar as coisas de novo e de novo, sendo assim uma forma genuína de contemplação. A partir dessa revisitação, se analisa o mesmo objeto a partir de seus diferentes níveis de significação, recebendo estímulos para que a análise seja sempre refeita, repensada, reanalisada a partir de novos pontos. No entanto, não se teme a fragmentação de sentidos, já que a estrutura se assemelha a um mosaico, com justaposição de elementos heterogêneos (BENJAMIN, 1984). O que esse método nos permite, então, é a possibilidade de analisar nosso objeto de pesquisa através de um entrelaçamento de conceitos, trazendo à tona sua verdade. Dessa forma, segundo

Veloso (2018), Benjamin propõe construir constelações que ofereçam essa verdade do objeto a partir de sua apresentação, descrevendo-o de forma literária, chegando ao conceito final por meio dessa montagem de significados.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Atualmente a pesquisa se encontra na fase de levantamento bibliográfico e consolidação do estado da arte. Também está sendo realizada a pesquisa de imagens nos acervos documentais e museológicos de Porto Alegre.

Há pelo menos dois acervos digitais que já foram consultados e que não nos ofereceram retorno. O primeiro consultado foi o Acervo Museológico do Centro de Memória do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, local de acervo, pesquisa e de promoção da Arquitetura e Urbanismo, responsável pela captação, organização, preservação, disponibilização e difusão de acervos. Possui mais de 800 itens entre fotografia, projetos arquitetônicos e urbanos e documentação. Foi realizada busca com a palavra-chave *viaduto otavio rocha* e não obtivemos resultados.

O segundo acervo digital consultado foi o Acervo MuseCom, do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Também foi realizada busca com a palavra-chave *viaduto otavio rocha* e não obtivemos resultados. Como é sabido que o acervo está em processo de digitalização, há agendamento previsto para visitar o acervo físico.

Sobre acervos físicos, há interesse em visitar o acervo físico do Museu Joaquim José Felizardo, no entanto o mesmo se encontra temporariamente fechado por ter sido atingido pela enchente de maio de 2024, em Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

ABREU, Leandro Pimentel. **O inventário como tática**: a fotografia e a poética das coleções. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. 276 p.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet.

BITTENCOURT, Jônatha. **Conclusão da reforma do Viaduto Otávio Rocha deve ocorrer com cinco meses de atraso, informa prefeitura**. 2024. Publicado em Diário Gaúcho. Disponível em: <https://diariogaucha.clicrbs.com.br/dia-a-dia/noticia/2024/04/conclusao-da-reforma-do-viaduto-otavio-rocha-deve-ocorrer-com-cinco-meses-de-atraso-informa-prefeitura-clv06mb7y02jo012ju6ghjt3p.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CARLOSO, Larisa. **Assinada ordem de início da obra de revitalização do Viaduto Otávio Rocha**. 2022. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/assinada-ordem-de-inicio-da-obra-de-revitalizacao-do-viaduto-otavio-rocha>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CENTRO DE MEMÓRIA CAU/RS. **Página inicial**. Disponível em: <https://centrodememoria.caur.gov.br/>. Acesso em: 07 out. 2024.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares da formação do imaginário urbano**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 193-201.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação, mediações, interações**. São Paulo: Paulus, 2018. ePUB.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

MALINOSKI, André. **Viaduto Otávio Rocha: revitalização chega a 20%, e primeiro trecho deve ser entregue em dezembro**. 2023. Publicado em GZH. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/07/viaduto-otavio-rocha-revitalizacao-chega-a-20-e-primeiro-trecho-deve-ser-entregue-em-dezembro-clk054ey500bf015lyu5irhh0.html>. Acesso em: 17 set. 2023.

Prefeitura de Porto Alegre. **Viaduto Otávio Rocha**. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/historico_viaduto__otavio_rocha_1.pdf. Acesso em: 17 set. 2023.

RBS TV. **MP-RS notifica prefeitura de Porto Alegre por pintura do Viaduto da Borges**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/09/24/mp-rs-notifica-prefeitura-de-porto-alegre-por-pintura-do-viaduto-da-borges.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2023.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. 4ª reimpr. da 1ª. ed. de 1988.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

VELOSO, Rita. Pensar por constelações. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). **NEBULOSAS DO PENSAMENTO URBANÍSTICO: Tomo I Modos de Pensar**. Salvador: Edufba, 2018. p. 101-121.

VOLPATTO, Lucas Bernardes. **Viaduto Otávio Rocha: ícone da Porto Alegre moderna**. Porto Alegre: Concórdia, 2022. Disponível em: <https://caurs.gov.br/wp-content/uploads/2023/07/Viaduto-Otavio-Rocha.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.